

"Vila Maria, Eu Sou!": a torcida organizada da escola de samba Unidos de Vila Maria¹

Júlio César Valente Ferreira (CEFET/RJ e UFF)²

Palavras-chave: Torcida Organizada. Carnaval. São Paulo.

1. Considerações iniciais

DaMatta (1982) aborda o futebol como máquina de socialização, principalmente porque é algo rotineiro, isto é, tem futebol quase todo o ano³. Por outro lado, esta análise também é válida para o carnaval, pois, apesar do tempo do carnaval possuir vacâncias em relação ao calendário anual, as escolas de samba e blocos especiais⁴ demandam tempo de seus integrantes (em intensidades distintas, logicamente), o qual supera (e muito) os dias oficiais de folia, constituindo-se então também em espaços de socialização (Leopoldi, 2010/1978). Estendendo suas possibilidades analíticas, essas “máquinas de socialização” podem ser lidas pelo conceito de fato social total. Afinal, a socialização configura estes

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto no *campus* Nova Iguaçu do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) do Departamento de Engenharia Mecânica e Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão e do Núcleo de Estudos Culturais Orientais. Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento. E-mail: jcvferreira@hotmail.com

³ Considerando especificamente o Estado de São Paulo, esta afirmação aproxima-se da completude. Isto é, tem futebol todo o ano. Isto decorre da promoção da Copa São Paulo de Futebol Júnior. Trata-se de uma competição organizada pela Federação Paulista de Futebol desde 1969 e voltada aos atletas com idade de, até, 20 anos e que, atualmente, conta com a participação de clubes de todos os estados do país. O período temporal da competição compreende o mês de janeiro, sempre com a realização da partida final no dia 25/01, data de aniversário de fundação da cidade de São Paulo. Nas duas últimas décadas, houve um interesse maior nesta competição por parte das torcidas paulistanas organizadas de futebol dos quatro clubes locais de maior investimento (Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo). Conseqüentemente, o período temporal em que “não tinha futebol” e que, ao mesmo tempo, caracteriza-se por ser imediatamente antecedente ao carnaval, que potencializava os coletivos organizados em reorientar seus processos de socialização para suas agremiações carnavalescas (que participam da folia paulistana desde a segunda metade da década de 1970), conforme observou Toledo (1996) e Bueno (2015), hoje também é utilizado para a promoção de mobilizações para concentrações e caravanas para partidas da Copinha, sobrepondo ainda mais o “tempo do futebol” com o “tempo do carnaval”. Também, cabe destacar o processo de compressão temporal dos calendários dos campeonatos estaduais de futebol nas últimas duas décadas. Em São Paulo, passou a ser disputado a partir da última semana do mês de janeiro, corroborando ainda mais a sobreposição destes “tempos”.

⁴ Em São Paulo, os blocos especiais são agremiações carnavalescas que possuem estrutura competitiva, estética visual e musical similar às escolas de samba, sendo todas as agremiações deste tipo organizadas na União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP). Ao longo do tempo de existência, algumas dessas agremiações transformam-se em escola de samba. Porém, há blocos especiais que sempre se mantiveram com este estatuto.

lócus a partir de processos de construção, desconstrução e reconfiguração a partir das relações sociais em um vetor bidirecional com o indivíduo.

Considerando o objeto de estudo em questão, as torcidas organizadas das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo, importante salientar que, devido à escassa bibliografia sobre o assunto, é mister reconhecer que um (mesmo que breve) panorama dos atores sociais e seus capitais no interior deste objeto, agora entendido como campo, prescinde de ajustes posteriores. No caso das torcidas organizadas das escolas de samba, opera-se desde antes, no nível do estigma (Goffmann, 2006/1963), principalmente no que tange à “ameaça” de contaminar o suposto ambiente fraternal e familiar de uma escola de samba (Damico, 2023).

Considerando a categoria de torcida organizada como mediadora, o potencial de socialização imbrica em relações com maior grau de urdimento entre o futebol e carnaval, conformando um microcosmo muito particular em nossa sociedade, incrementados, com os fluxos informacionais potencializadas através de sistemas ciberfísicos (Latour, 2012/2005).

Outra questão importante nesta seara é destacada por Ferreira (2020), o qual também aponta a relação entre futebol e carnaval com o surgimento de escolas de samba a partir de equipes esportivas amadoras.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, agremiações carnavalescas foram fundadas a partir de times de futebol amador. No Rio de Janeiro, temos os casos da Mocidade Independente de Padre Miguel, União da Ilha, São Clemente (esta, inclusive, ainda mantém em atividade seu departamento de futebol de areia). Em São Paulo, como exemplos, encontram-se agremiações como a Vai-Vai, Águia de Ouro e Colorado do Brás. (Ferreira, 2020, p. 5)

Importante nestas considerações iniciais ter em mente que Toledo (1996) destaca que, na cidade de São Paulo, as torcidas organizadas de futebol são coletivos populares criadas em torno do futebol e que, em alguns casos, também participam como agremiações carnavalescas na folia paulistana. No Rio de Janeiro, esta associação entre carnaval e futebol encontra-se em estágio inicial, apesar de tentativas anteriores em pequenos períodos temporais e espaçados entre eles (Barbieri, 2020).

Complementando o recorte proposto desta pesquisa, as torcidas organizadas de escolas de samba são fenômenos recentes. Segundo Pimenta e Silva (2019), no início da década de 2000, surgem coletivos identificados como torcidas organizadas nas escolas de samba do Rio de Janeiro. Os autores atestam que elas se mobilizam para organizar eventos, auferir recursos para as performances nas arquibancadas do Sambódromo,

promover ações de salvaguarda da memória própria e da agremiação a qual mantém relações de pertencimento e participam ativamente da política interna da agremiação. Aqui, cabe uma ressalva, por parte de Ferreira (2020), o qual identifica, em seu estudo exploratório sobre uma escola de samba dos últimos grupos de acesso do carnaval da cidade de São Paulo, coletivos que se identificam como torcidas organizadas de escolas de samba. Mas, como estava fora do escopo do artigo, o autor não se aprofundou no tema. Porém, foi identificada uma diferença estética entre estes fenômenos nas cidades abarcadas neste projeto de pesquisa. Ao verificar os símbolos acionados por dois destes coletivos na cidade de São Paulo, constatou elementos que apontam para as torcidas organizadas de futebol (como a masculinidade e a virilidade, conforme destaca Bueno (2005) no estudo da escola de samba e torcida organizada Gaviões da Fiel), características estas não identificáveis nestes mesmos coletivos do Rio de Janeiro, conforme Pimenta e Silva (2019).

Neste artigo, intenta-se para um estudo exploratório ontológico de uma torcida organizada de uma escola de samba com o fim de estabelecer um construto inicial (mesmo que recaia em tipos ideais) a partir de um estudo de caso baseado em um único coletivo.

2. Questões metodológicas

O artigo reflete um caminho realizado por sendas qualitativas, cujas apreensões desembocam epistemologicamente em forma etnográfica (Peirano, 2001), considerando que ela se baseia no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e o seu objeto. Indubitavelmente, a base de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo.

A pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda.

Mas, precisamente o que Mariza Peirano defende é que ela não é apenas uma metodologia ou uma prática de pesquisa, “mas a própria teoria vivida /.../ No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados.” (2008, p. 3). A teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria. Antes de ir a campo, para nos informarmos de todo o conhecimento produzido sobre a temática e o grupo a ser pesquisado; no campo, ao ser o nosso olhar e nosso escutar guiado, moldado e

disciplinado pela teoria; ao voltar e escrever, pondo em ordem os fatos, isto é, traduzindo os fatos e emoldurando-os numa teoria interpretativa.

A literatura específica sobre a relação entre estas formas de sociabilidade associadas à categoria torcida organizada experimenta um momento de crescimento, mas ainda é escassa, com trabalhos que buscam descrever: (i) quem são estas torcidas organizadas ou agrupamentos em torno do pertencimento clubístico no universo do samba (Campos e Louzada, 2012) (Barbieri, 2020) ou do pertencimento carnavalesco no universo momesco (Pimenta e Silva, 2019), (ii) através da análise do resultado de um *survey*, em que grau estes torcedores organizados aderem ao carnaval de sua torcida organizada (Hollanda e Medeiros, 2018), (iii) como estas duas cosmovisões se imbricam no caso de uma torcida organizada específica, focando os mecanismos conciliatórios dos discursos de virilidade da torcida organizada e de confraternização preconizado pelo carnaval, tendo como estudo de caso a torcida organizada e escola de samba Gaviões da Fiel, dedicada ao Corinthians (Bueno, 2015) (Souza Junior, 2020) e (iv) os processos de conflito e conciliação entre carnaval e futebol ao longo da existência de uma torcida organizada e suas influências na preparação do carnaval (Ferreira, 2020). Também há uma parte de um dos capítulos da publicação de Toledo (1996) que descreve a preparação do carnaval do bloco especial (na época) ligado à torcida organizada Camisa 12, dedicada ao Corinthians.

A pesquisa em curso ancora-se nos resultados do estudo empreendido por Ferreira (2020), o qual mostra que, em São Paulo e no Rio de Janeiro, há uma imbricação entre os universos do carnaval das escolas de samba e blocos especiais e aquele configurado pelas torcidas organizadas de escolas de samba. A relação entre o futebol e o carnaval no interior das torcidas organizadas (de futebol e das escolas de samba) não ocorre nas mesmas condições de contorno (mesmo internamente).

Entre os meses de fevereiro de 2022 e março de 2024, foi promovida a observação participante através da ida aos desfiles do carnaval neste período e aos ensaios da Unidos de Vila Maria. Ao longo desta observação, promoveram-se entrevistas informais e consultas às redes sociais da Torcida da Vila. As entrevistas tiveram como norte partilhar experiências sobre o histórico pessoal e coletivo no futebol e no carnaval dos membros da torcida organizada, além das forças sociais mobilizadoras de redes de apoio. A consulta às redes sociais é um importante elemento, pois é neste lócus que a comunidade de sentimento (Appadurai, 1996) mantém-se organicamente e se torna em elemento captador de novos membros a partir das mensagens sobre a participação em ensaios, desfiles e

atividades sociais próprias ou adesão às iniciativas organizadas pela escola de samba Unido de Vila Maria, com atividades durante todo o ano.

Para tal, tem relevância o delineamento, a observação e a compreensão deste universo apreendido etnograficamente (Peirano, 2001). O posicionamento e a atuação destes coletivos no carnaval são explicados através da compreensão do processo de construção de sua identidade e do delineamento das forças sociais que os mobilizam e das redes internas e externas, conforme Bott (1957 como citado em Mayer, 2010/1966, p. 144), de apoio que suportam suas atividades.

3. Torcidas organizadas das escolas de samba: questões gerais e estigmatização

A relação entre carnaval e futebol sempre se estabeleceu, entendendo a folia nos moldes atuais, conformado na segunda metade do Século XIX (Ferreira, 2005).

No caso específico das escolas de samba do Rio de Janeiro, agremiações carnavalescas foram criadas tendo como base times de futebol amador. Em São Paulo, como exemplos, encontram-se agremiações como a Vai-Vai, Águia de Ouro e Colorado do Brás. No Rio de Janeiro, temos os casos da Mocidade Independente de Padre Miguel, União da Ilha e São Clemente. E esta coexistência persiste em casos como a Vai-Vai, que conta com um departamento de esportes (o qual aliás é muito presente em outras escolas de samba, incluindo a organização de campeonatos de futebol entre as escolas de samba. No Rio de Janeiro, a São Clemente ainda mantém em atividade seu departamento de futebol de areia.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, há a coexistência dos coletivos descritos no parágrafo anterior com as agremiações formadas por torcidas organizadas dedicadas aos clubes de futebol profissional (Toledo, 1996) (Barbieri, 2020) (Ferreira, 2020) (Souza Júnior, 2020). Em São Paulo, o fenômeno data da década de 1970 e, no Rio de Janeiro, este molde somente se concretiza no carnaval de 2022, tendo antes experiências efêmeras calcadas na seara de pertencimentos clubísticos. Somente em 2019 inicia-se uma prática de forma orgânica, a qual resultou, em primeiro lugar, em escolas de samba de pertencimento clubístico para, em 2022, surgirem as primeiras agremiações carnavalescas de torcidas organizadas de futebol.

Há uma clivagem entre futebol e carnaval e que marca as torcidas organizadas, estigmatizando-as (Goffmann, 2006/1963). Para Pimenta e Silva (2019) e Damico (2023), a diferença está no fato do carnaval ser um ambiente de maior cordialidade e rivalidades

arrefecidas. Corroborando tal lente de análise, conforme expõe Damico (2023) na fala de Aydano Motta, jornalista com forte atuação no carnaval, incluindo a participação no júri do prêmio "Estandarte de Ouro", do jornal "O Globo", considerado a principal premiação do carnaval carioca:

Eu não gosto. O mundo do Carnaval que tem lições para oferecer às torcidas e ao futebol, e não o contrário. Não há entre as escolas a rivalidade destrutiva que existe entre as torcidas organizadas e os times de futebol. As escolas ligadas às torcidas organizadas dos clubes não têm nada a contribuir com o Carnaval. Não gosto da ideia e acho que as coisas não deveriam se misturar. São paixões populares, mas uma coisa não tem a ver com a outra.

Mas, exemplos no interior do carnaval permitem refutar esta tese. O uso da violência (tipicamente atrelada às torcidas organizadas de futebol) também se revela nas escolas de samba, como demonstra o trecho a seguir sobre a apuração do carnaval de São Paulo de 2012.

Nessa ocasião, um homem credenciado pela Império da Casa Verde que estava, portanto, no espaço reservado aos representantes das escolas de samba, aproveitou-se de tumulto em frente à mesa de apuração para subir na mesa junto com integrantes das escolas Camisa Verde e Branco e Gaviões da Fiel rasgando os mapas de notas que estavam sendo lidos naquele momento. O tumulto prosseguiu mesmo após encerramento da apuração com a participação de torcedores da Gaviões da Fiel que lotavam uma das arquibancadas do Sambódromo do Anhembi. Os torcedores promoveram um quebra-quebra no trajeto de saída da apuração com a depredação e incêndio de carros alegóricos da escola rebaixada na ocasião, a Pérola Negra. [...] A mídia paulistana relacionou a rivalidade destas torcidas a violência desencadeada naquela apuração, apesar de outras duas escolas que não eram ligadas ao futebol terem protagonizado a confusão. (Barbieri, 2016, p. 168)

No Rio de Janeiro, Barbieri salienta que o panorama não é diferente no que tange à violência no carnaval das escolas de samba, principalmente no momento da apuração das notas, onde se conhece o campeão do ano.

A apuração carioca das escolas do Grupo Especial, a 1ª divisão, é transmitida pela Rede Globo de Televisão para todo o Brasil e, portanto, poderia ser apontada como um possível modelo para outros carnavais brasileiros. Isto não isenta essa apuração da tensão e dos conflitos por mais que estes sejam muitas vezes evitados pela transmissão televisiva. São as escolas de samba insatisfeitas ou malsucedidas na classificação final que protagonizam os conflitos. São inúmeros os exemplos de confusões entre torcedores e dirigentes das escolas no Rio de Janeiro, ainda em tempos em que as apurações não eram transmitidas pela TV. (Barbieri, 2016, p. 167)

Em Manaus, Barbieri (2016) também relata situações de magnitude semelhante:

Em Manaus, os registros de confrontos violentos em apurações não ficam para trás. O historiador Daniel Sales cita dois dos mais marcantes: a batalha entre torcedores da Mocidade de Aparecida e da Vitória Régia. Enquanto o primeiro se deu nos primórdios da rivalidade entre as duas escolas, no carnaval de 1982, o segundo aconteceu em pleno sambódromo no carnaval de 1994. (Barbieri, 2016, p. 168)

Complementando o recorte proposto desta pesquisa, as torcidas organizadas de escolas de samba são fenômenos recentes. Segundo Pimenta e Silva (2019), no início da década de 2000, surgem coletivos identificados como torcidas organizadas nas escolas de samba do Rio de Janeiro e que se solidificaram ao longo de duas décadas, estabelecendo-se no campo do carnaval carioca, mas reconhecendo experiências anteriores, mesmo que efêmeras.

Mais especificamente, no Rio de Janeiro, a primeira torcida organizada é a Guerreiros da Águia, em 2003, devotada ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. No caso de São Paulo, a primeira é a Furacão Azul e Rosa, em 2004, dedicada à escola de samba Sociedade Rosas de Ouro.

Sobre as torcidas organizadas das escolas de samba do Rio de Janeiro, Pimenta e Silva (2019) atestam que elas se mobilizam para organizar eventos, auferir recursos para as performances nas arquibancadas do Sambódromo, promover ações de salvaguarda da memória própria e da agremiação a qual mantém relações de pertencimento e participam ativamente da política interna da agremiação. Aqui, cabe uma ressalva, por parte de Ferreira (2020), o qual identifica, em seu estudo exploratório sobre uma escola de samba dos últimos grupos de acesso do carnaval da cidade de São Paulo, coletivos que se identificam como torcidas organizadas de escolas de samba. Mas, como estava fora do escopo do artigo, o autor não se aprofundou no tema. Porém, foi identificada uma diferença estética entre estes fenômenos nas cidades abarcadas neste projeto de pesquisa. Ao verificar os símbolos acionados por dois destes coletivos na cidade de São Paulo, constatou elementos que apontam para as torcidas organizadas de futebol (como a masculinidade e a virilidade, conforme destaca Bueno (2005) no estudo da escola de samba e torcida organizada Gaviões da Fiel), características estas não identificáveis nestes mesmos coletivos do Rio de Janeiro, conforme Pimenta e Silva (2019).

4. Torcida da Vila: a torcida organizada do Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Unidos de Vila Maria

Fundada em 2017, a Torcida da Vila é formada por jovens na faixa entre 18 e 30 anos. De seus integrantes mais antigos, um tinha sido membro da Torcida Jovem do Santos e outro membro era da Camisa 12, colaborando assim em trazer uma expertise de torcida organizada de futebol para a torcida organizada de escola de samba. Consideram que sempre é interessante trazer gente que já fez ou faz parte de uma torcida organizada de futebol, para trazer este capital cultural e o *ethos* destes coletivos.

No dia dos ensaios técnicos e no dia do desfile, a torcida usou lançadores portáteis de fumaça e fitas na parte superior da arquibancada, faixas que foram lançadas da parte superior e foram amarradas no alambrado da parte de baixo, confetes metálicos e o uso de sacos com as cores da agremiação carnavalesca enchidos com ar como se fossem “pirulitos” e erguidos para dar o efeito sobre cabeça. Em vários momentos do desfile, quem puxava o canto do samba-enredo na arquibancada era o pessoal da torcida organizada. No dia do desfile e nos ensaios, três torcidas de times de várzea da área da Vila Maria estavam presentes e colocam suas faixas, com destaque ao Lagoinha. O pertencimento territorial transforma a escola de samba em um lugar de sociabilidade com outras manifestações culturais locais.

No desfile, há uma espécie de código tácito de ética: (i) uma torcida ou grupo de apoiadores coloca uma faixa (ii) passou sua escola de samba, retiram-se as faixas para que a torcida organizada da escola posterior possa colocar as suas; (iii) Se não retirar, a torcida coloca a sua por cima e somente vai retirar quando a última desfilar. Todos ajudam para colocar a faixa, incluindo apoiadores de outras escolas de samba.

A torcida se faz presente em diversas ocasiões do ano. O calendário não se resume ao desfile. Nos ensaios de quadra, eles ficam no centro da mesma, agitando as bandeiras e incentivando as alas a evoluir e cantar o samba-enredo, pois as alas giram ao redor da quadra. No desfile e nos ensaios técnicos, que ocorrem na pista de desfile, parte da torcida ficou na concentração, agitando as bandeiras e animando os componentes, enquanto outra parte cuidou da arrumação das faixas, fumaça e lançador de confetes metálicos na arquibancada.

Outra função exercida pela Torcida da Vila é a de ajudar nos trabalhos de barracão. Normalmente, em janeiro, colaboram na adereçaria dos carros alegóricos e também colaboram no transporte e escolta das alegorias e esculturas, além de ajudar no envelopamento por plástico-bolha ou lona destas peças.

Os membros da Torcida da Vila sempre buscam fazer atividades para manter a turma unida durante o ano. Participam das iniciativas sociais da escola de samba, promovem suas próprias atividades sociais, além de práticas recreativas como churrasco, futebol e encontro de bate-papo, aproveitando a infraestrutura que a escola de samba oferece, sempre estão disponíveis para o que a diretoria pedir

Segundo os entrevistados, o presidente e a diretoria da escola de samba têm muito apreço por eles e contam com a torcida para animar mais a quadra e trazer mais jovens. Este prestígio se revela em terem um local na quadra, embaixo do palco principal, para guarda do material da torcida, como faixas e bandeiras, credencial para estacionar um carro na área do complexo cultural onde ocorrem os desfiles e ingressos e transporte junto com os desfilantes no dia do desfile.

Porém, a participação anterior em torcidas organizadas de futebol “permanece”. Quando estavam retirando as faixas e o equipamento de lançar confetes metálicos em um dos ensaios técnicos, um dos membros foi atacado por pessoas ligadas a uma escola de samba de torcida organizada de futebol que ensaiava no mesmo dia. O próprio membro da Torcida da Vila admitiu que já foi de briga anteriormente, quando estava nas arquibancadas dos estádios de futebol. Em todos os momentos deste conflito, tal membro dizia para os agressores que ali era carnaval, era um “local que não tem que ter esse tipo de comportamento e o que foi passado, já passou”. Por fim, tal membro revelou que essas “mágoas” de brigas passadas ficam fixadas e sempre emergem quando percebem o desafeto “desprotegido” para atacar e “acertar as contas do passado”.

Desta forma, é possível configurar a interação da Torcida da Vila no a partir de uma *mancha* (que está na quadra, na avenida de desfile, na arquibancada e em qualquer outro lugar onde são convidados), segundo o conceito estabelecido por Magnani (2008/1996), que se constitui em uma *comunidade de sentimento* (Appadurai, 1996), não mais se restringindo a um território físico, cuja estrutura de governança possui em seu cerne, para além do *habitus* (Bourdieu, 1989), uma *estrutura teleoafetiva* (Schatzki, 1997), referindo-se a emoções que são aceitas e aconselhadas, consideradas como válidas ou legítimas na prática.

5. Considerações finais

As questões postas aqui tem o limitante já indicados no início do trabalho, o qual pontua que se trata de uma realidade complexa e que não é possível estabelecer um modelo de recorrência. Tem-se claro que possíveis comparações para o estabelecimento de lentes muito gerais para a análise das torcidas organizadas das escolas de samba demandam a continuidade da pesquisa em outras agremiações carnavalescas, bem como a manutenção de uma perspectiva de alteridade junto às torcidas organizadas de futebol.

Mas, mesmo considerando a única publicação sobre este tipo de participação coletiva no carnaval e a análise do estudo em questão, é possível afirmar que estes coletivos possibilitam novas formas de torcer pelas escolas de samba. Também, nitidamente, novas formas de sociabilidade são urdidas nas agremiações, não somente dialogando em seu interior, mas estabelecendo uma rede que envolve times de futebol amador da região, dentre outros atores sociais. As torcidas organizadas das escolas de samba conseguem reunir pessoas que compartilham a paixão comum por uma escola de samba. Pessoas que, sem a torcida, estariam cultivando sua paixão de forma isolada, sem estar inserido em um grupo.

Hoje, quando uma escola de samba ensaia em sua quadra ou adentra a avenida, para o desfile ou para o ensaio técnico, há a possibilidade de encontrar nas arquibancadas a paixão e a devoção de seus admiradores. Estabelece-se então uma conexão que transcende as fronteiras físicas entre as arquibancadas e a pista de desfile, entre cordão de isolamento para a evolução dos desfilantes nos ensaios de quadra. As torcidas organizadas das escolas de samba, fenômeno de duas décadas somente, criaram novos espaços para a sociabilidade no carnaval, ao mesmo em tempo que estendem os laços de solidariedade entre as escolas de samba a partir de um novo espaço social construído que ultrapassam as quadras e as postas de desfile. Por trás das bandeiras e faixas que colorem as arquibancadas, talvez esteja a mais expressiva novidade que os sambistas presenciaram nos últimos anos: as novas relações sociais que são estabelecidas pelas torcidas de samba.

A Torcida da Vila revelou uma configuração de sociabilidades a qual não permite estabelecer uma separação rígida entre um *habitus* de torcedor organizado e outro de folião. Na realidade, uma tríade – *mancha, comunidade de sentimento e estrutura teleoafetiva* – se faz necessária para a compreensão deste fenômeno que imbrica elementos oriundos do futebol e do carnaval. Por fim, destaca-se que, como torcida organizada de escola de samba, o discurso norteador sempre é honrar o nome e a instituição, no caso, Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Unidos de Vila Maria.

Referências Bibliográficas

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Barbieri, R. J. de O. (2016). *Carnaval em Manaus (AM): a cidade e suas escolas de samba*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/834978.pdf>

_____ (2020). Escolas de samba e futebol no Rio de Janeiro. In M. L. V. de C. Cavalcanti, & R. de S. Gonçalves (Orgs.). *Carnaval sem fronteiras: as escolas de samba e suas artes mundo afora* (pp. 197-216). Rio de Janeiro: Mauad X.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bueno, A. (2015). Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In B. B. de Hollanda, & P. L. Negreiros (Orgs.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol* (pp. 219-254). Rio de Janeiro: 7Letras.

Campos, H. B., & Louzada, R. (2012). A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. *Maguaré*, 26(2), 147-171.

DaMatta, R. (Org.) (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek.

Damico, L. (2023) Jornalista se opõe às escolas de samba ligadas a torcidas de clubes: 'Não gosto'. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/jornalista-se-opoe-as-escolas-de-samba-ligadas-a-torcidas-de-clubes-nao-gosto,dea56d931f414efa95af1aeaf9f0a32dvtvw98ie.html>. Acessado em 03 de julho de 2024

Ferreira, F. (1995). *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Ferreira, J. C. V. (2020, outubro/novembro). “Isto aqui não é uma torcida. Isto aqui não é uma escola de samba. Isto aqui é um hospício.”: a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Sociedade Escola de Samba TUP. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32.

Goffman, E. (2006). *Estigma: la identidad deteriorada*. (L. Guinsberg, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1963).

Hollanda, B. B. B. de, & Medeiros, J. (2018). Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*, 9(14), 23-47.

Leopoldi, J. S. (2010) *Escola de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1978).

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. (G. C. de Sousa, Trad.) Salvador: Edufba. Bauru: Edusc. (Obra original publicada em 2005).

Magnani, J. G. C. (2008). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In J. G. C. Magnani, & L. de L. Torres, L. de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos*

de antropologia urbana (pp. 12-53). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Obra original publicada em 1996).

Mayer, A. (2010). A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. (J. A. Simões, Trad.) (Texto original publicado em 1966). In B. Feldman-Bianco (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. (pp. 139-170). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1987).

Peirano, M. (2001). A análise antropológica dos rituais. In _____ (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais* (pp. 17-40). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____ (2008). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377-391.

Pimenta, C. A. M., & Silva, G. C. da (2019). Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. *Sociedade e Cultura*, 22(1), 318-337.

Schatzki, T. R. (1997). Practices and actions: a wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. *Philosophy of the Social Sciences*, 27(3), 283-308.

Souza Júnior, R. de A. P. de (2020, outubro/novembro). Da arquibancada à avenida: práticas de sociabilidade e disputa dentro de uma torcida organizada de futebol. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32.

Toledo, L. H. de (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.